



SEÇÃO DO CANDIDATO

À

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

N. 10-59

Coordenador: Cel JOÃO BINA MACHADO

1. A CAVALARIA NOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

1. *Movimento retrógrado é aquêle que uma tropa efetua para a retaguarda ou para furtar-se ao inimigo.*

Pode ser executado deliberadamente, ou, o que é mais comum, por imposição do inimigo. Ex: Dunkerke — Laguna.

Os movimentos retrógrados podem ser feitos para atender a uma das seguintes finalidades:

- a. Romper o combate.
- b. Evitar o combate em situação desfavorável.
- c. Atrair o inimigo a uma situação desfavorável para êle.
- d. Ganhar tempo, sem empenhar-se em combate decisivo.
- e. Adaptar-se ao deslocamento de outra tropa.
- f. Permitir o emprêgo de parte da tropa em outro local.

Os movimentos retrógrados exigem um contrôle severo, enérgico e constante por parte de todos os chefes.

A pronta organização das unidades, a atenção dispensada pelos comandantes superiores bem à frente, tenderão a compensar os efeitos deprimentes dêste tipo de operação.

2. Tipos de movimentos retrógrados:

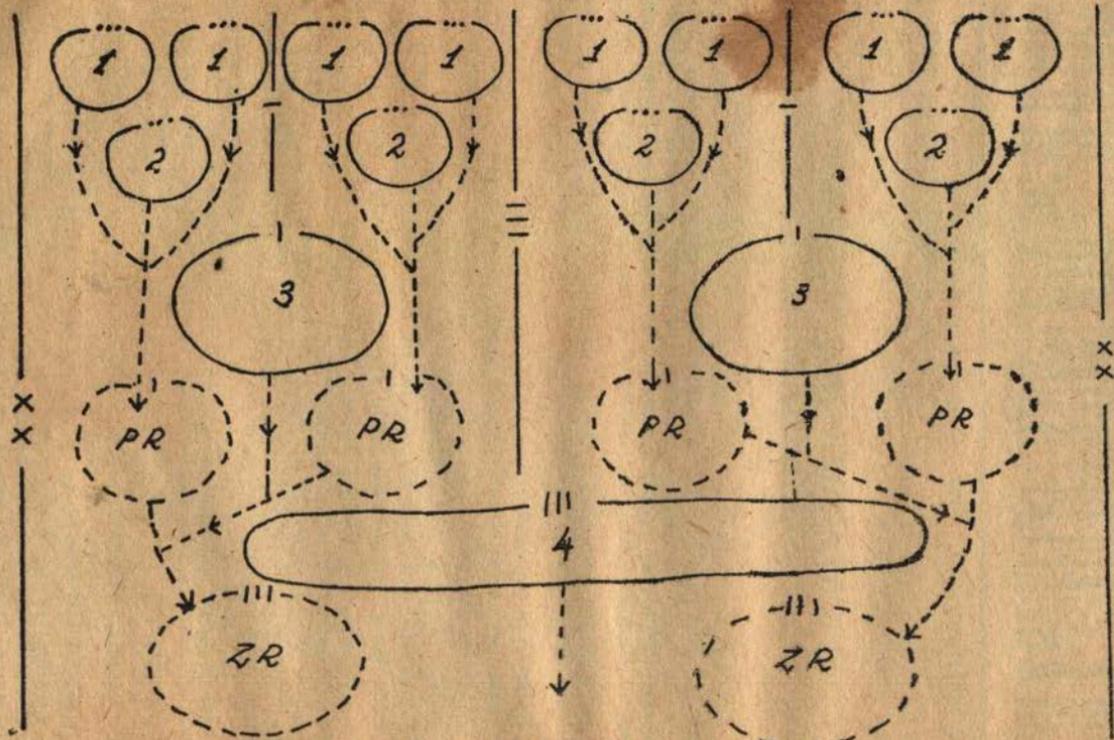
- a. *Retraimento*

Visa romper o combate com o inimigo.

Caso prossiga teremos:

- b. *Retirada*

Visa reconquistar ou preservar a liberdade de ação do grosso, aumentando a distância entre êste e o inimigo.



Pel de 10
escalão

Escalão de
acolhimento
dos Esqd

Escalão de
acolhimento
dos RC

Ponto de
reunião dos
Esqd

Fôrça de
Cobertura
da DC

Zona de
reunião
dos RC

Obs: Os números indicam a sequência do retraimento

Fig 1 - Esquema do retraimento de uma DC

c. *Ação retardadora*

Visa ganhar tempo.

É empregada em qualquer fase do combate, mas encontra especial aplicação nas operações das forças de cobertura e outros elementos de segurança.

3. Com muito maior freqüência de que a Infantaria, a Cavalaria passa da defensiva à execução de movimentos retrógrados, em qualquer de suas formas.

A pequena capacidade de durar da Cavalaria, força-a a procurar nos movimentos retrógrados a solução de seus problemas de defensiva.

4. Examinemos, agora, cada espécie de movimentos retrógrados:

a. *Retraimento*

Pode ser realizado:

- de dia
- de noite

(1). O retraimento de dia é uma operação muito mais difícil do que à noite. Fica sujeita a grandes perdas e como tal deve ser evitado. Só se a permanência na posição for insustentável ou houver possibilidade da tropa ser aferrada, ele deve ser realizado, mas precedido de um contra-ataque à base de carro de combate.

O retraimento é iniciado pelos elementos não essenciais ao combate (trens). Segue-se o dos elementos de primeiro escalão efetuado simultaneamente ou segundo a prioridade fixada pelo Comandante do RC. O retraimento desses elementos é feito sob a proteção do escalão de acolhimento destacado pelo Regimento, sem prejuízo de idêntica medida tomada pelos Comandantes de subunidades, isto é, utilizando seus pelotões reservas para assegurar a operação que está sendo levada a efeito pelos elementos em linha. A operação termina na zona de reunião fixada pela DC.

Segue-se o retraimento do escalão de acolhimento dos RC que é iniciado, conforme as ordens do Comandante do Regimento, logo que finde a operação que lhe foi atribuída e realizada sob a proteção da força de cobertura da DC.

A DC instala uma força de cobertura, normalmente atribuída ao RCM (GTM); sua missão é deter, limitar ou desviar a progressão do inimigo, apoiando o retraimento das unidades de primeiro escalão. Efeito esse retraimento, transforma-se em retaguarda ou em PAG da nova posição.

(2). O retraimento noturno é mais favorável que o diurno e, por isso, deve ser sempre procurado. Seu sucesso depende principalmente do segredo em que se executa a operação.

Neste caso, o retraimento da maior parte das forças empenhadas inicia-se pouco depois do anoitecer. Reduzidos elementos retirados das tropas mais avançadas, são deixados em presença do inimigo, constituindo o *escalão de contato* (um a dois grupos de combate por Esqd comandados por oficial). Sua missão é disfarçar o retraimento, dando a impressão de que a posição continua ocupada; para esse fim, esforçam-se em manter a atividade normal da posição, por meio de fogos, patrulhas, etc. O retraimento desses elementos, em princípio, é feito antes do amanhecer do dia seguinte.

A segurança da operação é realizada como no retraimento diurno, isto é, por intermédio da força de cobertura da DC e pelos escalões de acolhimento dos esquadrões e regimentos.

(3) Um retraimento pode terminar:

(a). Em uma zona de reunião — É o caso mais comum. Daí a unidade inicia a retirada ou fica em condições de ser empregada em outra parte.

(b). Em uma nova PR — A organização dessa nova PR, para que possa ser ocupada pela própria tropa que retrai, deve ter sido esboçada (pelo menos realizada a ocupação dos pontos chaves).

(4). Quando o retraimento (diurno ou noturno) é sucessivo, a ordem em que êle se processa depende:

— da situação em que as unidades se encontram;

— da atitude do inimigo;

— do terreno, facilitando ou não a operação (caminhamentos desafiados, etc).

(5). Para a execução de um retraimento, o Comandante de uma unidade deverá tomar as seguintes providências:

(a). organizar a cobertura (se fôr o caso) e fazer ocupar as posições:

(b). fazer reconhecer e balizar a P2 ou zona de reunião;

(c). idem quanto aos itinerários de retraimento;

(d). fixar (quando não seja simultânea) a ordem de retraimento das unidades;

(e). fixar (quando não constar de ordem superior) a hora de retraimento das unidades subordinadas;

(f). fixar o valor do escalão de contato e a hora de seu retraimento (quando não forem fixados pelo escalão superior);

(g). garantir os desfiladeiros, nós de estradas, passagens, observatórios e outros pontos críticos no itinerário de retraimento.

b. Retirada

(1). A retirada é a operação pela qual uma tropa procura reconquistar sua liberdade de ação, deslocando-se para a retaguarda.

Executa-se segundo um plano bem definido que tem por finalidade evitar um combate decisivo nas condições existentes no momento.

Quando um retraimento preceder a retirada, esta só tem início depois que as colunas de marcha estiverem formadas.

(2). Nenhum comandante tem autoridade para ordenar a retirada por iniciativa própria ou porque unidades vizinhas estejam se retirando; esta ordem só se justifica quando forem esgotadas tôdas as possibilidades de cumprir a missão e a continuação do combate levar a excessivas perdas ou à derrota total.

(3). A retirada constitui praticamente uma marcha. Todos os itinerários disponíveis devem ser aproveitados.

Há necessidade, em certos casos, de organizar um sistema completo de segurança (Vg, g, Rg).

As marchas forçadas são comuns, pois a preocupação constante deve ser a de aumentar a distância entre o inimigo e a tropa que retira.

c. Ação retardadora

(1). A ação retardadora é um movimento retrógrado, realizado com a finalidade de ganhar tempo, retardando o avanço inimigo e evitando uma ação decisiva.

(2). É empregada:

(a). quando o inimigo tem superioridade;

(b). quando nossa preparação está ainda incompleta;

(c). em todos os casos em que se quiser ganhar tempo, trocando-o por espaço.

(3). Pode-se obter o retardamento do inimigo:

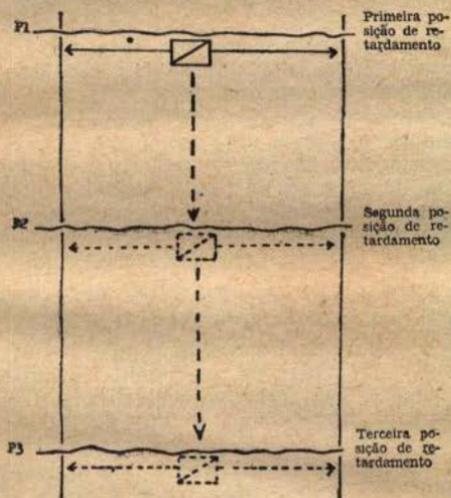
- (a). por uma ação ofensiva;
- (b). pela defesa em uma só posição;
- (c). pela ação retardadora em posições sucessivas;
- (d). pela combinação dessas ações.

(4). Ação retardadora em posições sucessivas:

— consiste em oferecer resistências limitadas em posições sucessivas. Baseia-se na defesa dessas posições com a idéia de não e deixar aferrar; as posições sucessivas podem ser ocupadas por toda a unidade de uma só vez ou alternadamente por parte dela.

(5). A defesa em cada uma dessas posições se caracteriza por:

- (a). mínimo de organização do terreno e máximo de obstáculos à frente (minas, destruições, etc);
- (b). frentes bastante extensas (em regra o dôbro da defensiva);



(c). defesa dos pontos fortes naturais do terreno e operações descentralizadas;

(d). aproveitar o máximo o terreno, particularmente os obstáculos naturais importantes e elevações que se desenvolvam paralelamente à frente (observatórios, campos de tiro, cobertas, etc);

e). evitar que as tropas se engajem a fundo, a fim de não se deixar aferrar;

f). continuar o retardamento entre as posições sucessivas.

É preciso esclarecer que uma unidade só tem liberdade para escolher a nova posição quando opera isolada. Nos outros casos tem que agir dentro de um conjunto e, por conseguinte, tem que se submeter a atuar em posições que interessem a êsse conjunto.

O Comando deverá indicar o tempo que êle necessita para que seja realizada essa ação retardadora e o limite final, no espaço e no tempo.

A distância entre duas posições sucessivas, deve ser tal que obriguem a artilharia inimiga a mudar de posição para o ataque a cada uma delas.

2. A ENGENHARIA NA MARCHA PARA O COMBATE

1. GENERALIDADES

a. Nos movimentos preparatórios e táticos, procura-se sempre ter o máximo de segurança e rapidez, a fim de que se possa chegar ao ato capital do combate ofensivo, que é o ataque, em condições de realizá-lo.

b. Os fatores de ordem tática e técnica, que influem na segurança e, em particular na rapidez desses movimentos, interessam de perto ao emprego da Engenharia.

2. MISSÃO DA ENGENHARIA NOS MOVIMENTOS

a. Nos movimentos, a missão especial da Engenharia é facilitar o deslocamento das forças amigas e, quando necessário, contribuir para dificultar o das forças inimigas.

Através dos trabalhos que executa nas Estr, ela favorece a rapidez e, com os obstáculos contra incursões adversárias, que estabelece, ela coopera para a segurança dos movimentos.

b. Nos movimentos preparatórios e táticos cobertos, é comum a tropa em deslocamento percorrer uma zona sob a responsabilidade de um Esc superior, cuja Eng já tem a seu cargo o trabalho nas Estr. Neste caso, a tropa de Eng se desloca e estaciona com as demais U do Esc com que opera, intervindo, apenas, em situações de emergência verificadas durante o movimento. Não estando a cargo de Esc superior os trabalhos nas Estr a utilizar, cabe sua execução à Eng do Esc que se desloca.

c. Nos movimentos táticos descobertos

— No caso de *contato remotos* a Eng assegura o movimento do Esc a que pertence, realizando, antes de seu início, os trabalhos necessários nos itinerários escolhidos; ela trabalha centralizada e a distribuição de tarefas, aos Elm de Eng subordinados, é feita em função dos dados fornecidos pelos Rec.

— Nos casos de *contato pouco provável* e iminente: a Eng assegura o movimento do Esc a que pertence e o apóia no Cmb; os Elm que se deslocam em 1º Esc, descentralizados do grosso, recebem o reforço de Eng adequado às respectivas missão e situação; o restante da Eng, com o grosso, melhora os trabalhos já realizados pelo 1º Esc e mantém uma reserva em condições de atuar em benefício de novos Elm, lançados à frente.

3. MISSÕES TÉCNICAS

A Eng tem a seu cargo, nos movimentos:

a. *Estradas e pontes* — toda sorte de trabalhos, no nível mínimo indispensável à realização do movimento pelo Esc considerado;

b. *Fortificações* — preparo de destruições e obstáculos nos caminhamentos favoráveis às incursões do inimigo, particularmente nas Estr que incidem sobre flancos descobertos;

c. *Instalações* — nos estacionamentos: trabalhos de interesse geral ou que exijam pessoal, equipamento e instrução especializados.

4. RECONHECIMENTOS

a. Nos movimentos preparatórios

(1). Os reconhecimentos de Engenharia para os movimentos preparatórios e para os estacionamentos, têm em vista:

- completar a carta rodoviária;
- determinar os melhores itinerários e os trabalhos nêles indispensáveis à execução do movimento;
- cooperar na elaboração da carta de circulação;
- colaborar na escolha dos locais de estacionamento e determinar nêles os trabalhos necessários.

(2). Os informes a colhêr serão, principalmente, sôbre:

- características técnicas, estado e capacidade de trânsito das estradas e pontes;
- recursos locais em material de engenharia;
- atualização das cartas existentes;
- locais favoráveis à instalação dos P Sup Agu.

(3). Os reconhecimentos devem ser executados com a antecedência necessária à preparação dos itinerários, antes do início da marcha e à conclusão das instalações gerais, nos estacionamentos, antes da chegada da tropa.

(4). Os Reconhecimentos de Engenharia podem fazer parte dos reconhecimentos do escalão com que ela operar ou agir isoladamente, beneficiando-se das condições de segurança existentes. Os elementos que forem destacados para essa missão, deverão enviar ao Cmt E, relatórios sôbre os seus reconhecimentos.

(5). Cabe ao Cmt da Engenharia acionar os seus reconhecimentos logo que conheça a zona ou os eixos do deslocamento e os locais de estacionamento. Para isso, êle necessita manter-se constantemente informado da situação do elemento a que pertence, de modo a poder agir sem perda de tempo.

b. Nos movimentos táticos

(1). Nesta fase das operações é, principalmente nos reconhecimentos, que o Cmt de Engenharia vai assentar suas sugestões ao Cmt do escalão com o qual opera, e por conseguinte, devem ser acionados com a devida antecedência.

(2). Eles visam, principalmente, ao conhecimento das rodovias e objetivam, particularmente, o estado delas e das respectivas obras d'arte a fim de serem escolhidos, tanto quanto possível, os melhores itinerários para o movimento.

(3). Os reconhecimentos também são acionados para:

- a escolha dos locais favoráveis à execução de obstáculos, tendo em vista a proteção de objetivos de deslocamento ou de flancos descobertos;
- a localização dos obstáculos e minas inimigas;
- a obtenção de recursos locais interessando aos trabalhos de Engenharia;
- a localização de pontos d'água; e
- a coleta de dados visando à atualização das cartas existentes.

(4). Os reconhecimentos de Engenharia podem fazer parte de reconhecimentos gerais do escalão, com o qual opera; ou podem atuar isoladamente e, neste caso, a tropa de Engenharia se encarregará de sua própria segurança.

5. A ENGENHARIA DIVISIONARIA

a. Nos movimentos preparatórios e táticos cobertos

(1). A ED aciona seus Rec o mais cedo possível, a fim de poder colaborar eficientemente com o Cmdo da Div na seleção dos itinerários de marcha.

(2). Se o movimento se realiza em zona em que o Esc superior atribuiu à sua Eng os trabalhos nas Estr e estacionamentos, os GT da Div são reforçados com pequenos Elm e Eng (Pel E), para atender aos imprevistos durante o deslocamento e o BE Cmb (—) marcha como um todo junto aos Elm Div. A situação aqui considerada, desonera a ED do acionamento de seus Rec.

(3). Se o deslocamento é feito por Estr em que nenhuma Eng está trabalhando — os GT são reforçados com efetivo da ordem de 1 Cia E, para lhes assegurar o movimento; o BE Cmb (—) facilita o deslocamento dos demais Elm Div.

Quando os Elm Div seguem itinerários já utilizados pelo GT, ao BE Cmb (—) cabe, apenas, melhorar, na medida das necessidades, os trabalhos realizados pela Eng dos GT.

b. Nos movimentos táticos descobertos

(1). Quando a Div lança à frente sua U de Rec, estabelece uma força de cobertura e/ou organiza forças de segurança — uma fração de Eng, variável com as circunstâncias (missão, efetivo, terreno, etc.), reforça esses Elm.

(2). Os Gt da Div são reforçados com um efetivo de Eng do valor médio de 1 Cia. E. O BE Cmb (—) assegura o movimento dos demais Elm da Div, em condições de aumentar os reforços já atribuídos e de atuar em proveito de novos Elm empregados.

6. A ENGENHARIA COM AS UNIDADES DAS ARMAS

a. Nos movimentos preparatórios e táticos cobertos

(1). O Cmt E do GT (Dst) aciona seus Rec o mais cedo possível, a fim de poder colaborar eficientemente com o Cmdo do GT (Dst) na seleção dos itinerários de marcha.

(2). Os trabalhos de Eng, na zona, estando a cargo de Esc superior — o Cmt do GT (Dst) que se desloca reforça com Elm de Eng tôdas as colunas de marcha, de modo a estarem prontamente disponíveis para execução de trabalhos que surjam inopinadamente, durante o deslocamento.

(3). Os trabalhos de Eng, na zona, não estando a cargo de Esc superior — o Cmt do GT (Dst) que se desloca, caso os Rec tenham determinado a necessidade de trabalhos, desdobra com antecedência, ao longo dos itinerários escolhidos, os Elm de Eng que forem necessários para a execução desses trabalhos; tal desdobramento, função dos trabalhos que forem atribuídos aos diferentes Elm, tem por finalidade permitir o movimento se processe sem solução de continuidade e em tempo útil.

b. *Nos movimentos táticos descobertos*

(1) Contato remoto (coluna de marcha)

(a). A Eng do GT (Dst):

— coopera com o Cmdo do GT (Dst) na seleção das Estr disponíveis para o movimento, aconselhando-o a respeito;

— melhora, repara e conserva as Estr selecionadas.

(b). Para isso, o Cmt E do GT (Dst):

— aciona seus Rec o mais cedo possível, por todos os itinerários disponíveis, os quais determinarão os trabalhos de melhoramento e reparação nêles necessários;

— desdobra com antecedência, ao logno dos itinerários escolhidos, os Elm Eng necessários para a execução dos trabalhos orçados pelos Rec;

— mantém, durante o movimento, seus Elm escalonados de tal forma que possam reparar, sem perda de tempo, qualquer dano causado pela atuação do inimigo em pontos críticos (pontes, desfiladeiros, bifurcações, etc).

(2). Contato pouco provável (coluna tática)

(a). O Cmt E do GT (Dst):

— lança seus Rec junto aos do GT (Dst) para obter, com a maior antecedência, os Informes sôbre os trabalhos necessários em cada itinerário;

— reforça, com Elm de sua U (mínimo de 1 Pel E), cada coluna tática.

(b). O restante da Eng se desloca, em geral, na testa dos demais El do GT (Dst), em condições de:

— assegurar o seu deslocamento;

— aumentar o Ref às colunas táticas;

— atuar em proveito de outros Elm lançados por novos itinerários ou em segurança.

(3). Contato iminente (marcha de aproximação)

(a). O Cmt E do GT (Dst):

— prossegue nos seus Rec, lançados com os GT (Dst);

— aumenta, se necessário, o Ref às unidades de 1º Esc, para lhes assegurar o movimento e as novas necessidades de apoio ao Cmb.

(b). O restante da Eng se desloca, normalmente, à testa do 2º Esc, em condições de:

— facilitar-lhe o movimento;

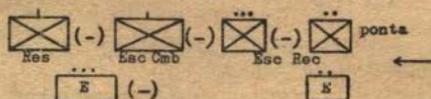
— aumentar o Ref aos Elm de 1º Esc;

— atuar em proveito de novas U lançadas à frente.

7. A ENGENHARIA NOS DISPOSITIVOS DE SEGURANÇA

a. A Eng destacada para um elemento de segurança, como seja uma Vg ou uma Fg, faz seus Rec progredirem com o Esc Rec da força de segurança, deslocando os demais Elm com o Esc Cmb ou com a Res dessa mesma força.

b. Nas Vg a pé, do valor de BI, o dispositivo abaixo pode ser seguido:



No esquema considerado, parte de 1 GE do Pel E em Ref ao BI apeia a da viatura orgânica e se desloca com os infantes, na "ponta". A Vir do GE (2,5 t) se movimentará por lanços, à testa do Esc Rec.

c. Nas Vg motorizadas, em que não há "ponta", os Rec (ordem de GE) se deslocam com o Esc Rec da Vg e, o Pel E (—), com o Esc Cmb.

8. PLANEJAMENTO E TRABALHO DE COMANDO

a. O Cmt E do GT (Dst) exerce as funções* de Oficial do EM Especial do GT (Dst) e, como tal, elabora planos, propostas para distribuição de missões, etc. que submete à apreciação do Cmt do GT.

b. Ele pode incluir em seu planejamento, mediante entendimento com o Comando GT (Dst), o Pel Minas AC do RI.

c. O Cmt E em Ref a um BI pode incluir em seu planejamento, mediante entendimento com o respectivo Cmdo, o Pel Sap e Rem do BI.

d. A eficiência, em trabalhos de minas, do Pel Minas AC do RI, corresponde a 2/3 de 1 Pel E. O Pel Sap e Rem do BI pode ser equiparado, também, a 2/3 de 1 Pel E, quando totalmente empregado em trabalhos de Eng; a utilização de 1 ou mais Gp Rem em proveito do renunciamento do BI, entretanto, faz com que sua eficiência se reduza proporcionalmente.

e. Nas OOp do GT (Dst), a Eng recebe a missão através do § 3.

9. SUPRIMENTOS

a. O suprimento do material de Engenharia se reduz às necessidades para os trabalhos nas estradas e pontes e nos estacionamentos. São, em geral, obtidos pela exploração dos recursos locais ou trazidos pelas próprias Unidades de Engenharia formando um pequeno depósito sobre rodas.

b. Quando uma fração do BE Cmb Div recebe a missão de integrar um GT (Dst), ela é suprida através da U reforçada.

c. Do BE Cmb Div, a fração recebe, sobre caminhões, um Ref de material de construção para reparação de Estr e Pnt, compreendendo madeira esquadriada, pranchões, cascalho, etc e, também, uma certa quantidade de explosivos (para desobstrução) e de minas (para o estabelecimento de Obt). Esse Ref pode abranger, ainda, uma parte do Pel Pnt do BE (material de equipagem: botes M2, em n. de 18, e Mat da 1/2 equipagem B4A1).

d. Ao BE Cmb cabe o Sup de água e de cartas à GU. Nos movimentos, é normal a Eng dos GT (Dst) receber o Ref de 1 Tu Sap Agu (3 homens, 1 Vtr 2,5 t e 1 equipamento de purificação n. 3).